

# TESTES METALINGÜÍSTICOS PARA COLETA DE DADOS EM PESQUISAS DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

Rosi Ana Gregis<sup>1</sup>

## RESUMO

Pesquisadores que realizam estudos em Aquisição de Segunda Língua, principalmente os que enfocam questões relacionadas a aspectos gramaticais, necessitam ter cautela na escolha das metodologias empregadas para obtenção dos dados, a partir dos instrumentos aplicados aos sujeitos que, na maioria dos casos, são falantes de nível básico, intermediário ou avançado da língua em questão. Testes de Julgamento Gramatical são, desde meados dos anos 60, os instrumentos mais utilizados nessas pesquisas. Nosso objetivo principal neste artigo é discutir a utilização desses testes, auxiliando pesquisadores, ou até mesmo futuros pesquisadores, a refletir sobre seu uso, entendendo que, embora os testes de julgamento possam apresentar equívocos, eles são uma ferramenta válida e útil em pesquisas sobre Aquisição da Linguagem.

**Palavras-chave:** Aquisição de Segunda Língua. Metodologia de Pesquisa. Testes de Julgamento Gramatical. L1 (Primeira Língua). L2 (Segunda Língua).

## ABSTRACT

Researchers that develop studies in Second Language Acquisition, mainly the ones who focus on questions related to grammatical aspects, need to be cautious about choosing the methodologies used to get data, through the instruments applied to subjects that, in majority, are basic, intermediate or advanced speakers of the target language. Grammatical Judgment Tests have been, since the early 60's, the most utilized instruments in those researches. Our goal in this article is to discuss the use of those tests, helping researchers, or even future researchers, to think about their use, understanding that, although the judgment tests may present mistakes, they are valid and useful tools in researches on Language Acquisition.

**Keywords:** Second Language Acquisition. Research Methodology. Grammatical Judgment Tests. L1 (First Language). L2 (Second Language).

<sup>1</sup>Professora do Curso de Letras (Feevale). Doutora em Linguística Aplicada (PUCRS). E-mail: rosiana@feevale.br.

## INTRODUÇÃO

Resultados de pesquisas em Aquisição de Segunda Língua (SLA)<sup>2</sup> são, em sua maioria, dependentes de coletas de dados. Um dos objetivos principais dessas pesquisas é obter informações sobre o conhecimento lingüístico dos aprendizes, isto é, buscase encontrar, através de suas respostas, um reflexo de sua competência lingüística. Na verdade, os teóricos da SLA têm o objetivo de entender os processos inseridos na competência dos aprendizes de uma L2 e não somente as características evidenciadas em suas *performances*. Seguindo essa perspectiva, uma das principais maneiras de obter evidências de como os aprendizes de uma L2 adquirem a língua-alvo é estudar sua *performance*, sua produção lingüística. A partir dos dados obtidos, pesquisadores podem fazer inferências sobre os vários estágios das interlínguas<sup>3</sup> e, assim, tecer conclusões cada vez mais apuradas sobre os fatores envolvidos na aquisição de uma L2. Para isso, estudiosos desenvolveram algumas metodologias que auxiliam na busca desses resultados, com o intuito de auxiliar pesquisadores dessa área a otimizar os processos envolvidos em coleta de dados, em estudos nos quais o objetivo principal seja o entendimento de como ocorre a aquisição de línguas estrangeiras em geral.

## METODOLOGIAS E DADOS DA LINGUAGEM DOS APRENDIZES

Nos últimos 40 anos, testes e metodologias adaptadas da psicologia e das ciências sociais têm sido usados massivamente em pesquisas lingüísticas com foco na aquisição da linguagem. Conforme Chaudron (1983; 2003), essas metodologias têm sido adaptadas devido às necessidades especiais dos estudos da linguagem: para diferenciar métodos de ensino, testar hipóteses de universais lingüísticos, determinar o efeito da aprendizagem nos aprendizes e vice-versa. Foram criadas técnicas estatísticas, observacionais e interativas com o propósito de contemplar vários tipos de estudos em SLA; contudo, de acordo com Chaudron (2003) e Mackey e Gass (2005), nenhuma técnica, até o momento, foi mais utilizada do que a obtenção de julgamentos metalingüísticos sobre a estrutura e o uso da linguagem. Esse assunto obteve grande repercussão quando Chomsky (1957, 1965) sugeriu que teorias lingüísticas devem tentar demonstrar a competência do

falante e conseqüentemente seu desempenho<sup>4</sup>. Chomsky utilizava freqüentemente testes de julgamento gramatical (GJTs)<sup>5</sup> em suas pesquisas, o que gerou críticas por parte de psicólogos e pesquisadores da linguagem. Na verdade, muitos estudiosos (Labov, 1972) não concordavam que resultados baseados nas intuições dos falantes pudessem ser suficientes para obter resultados e hipóteses confiáveis acerca da linguagem. O ponto principal desse argumento é que os julgamentos lingüísticos devem ser utilizados com muito cuidado, sempre recordando que eles fazem parte de um processo complexo do comportamento humano. Contudo, observamos que muitos desses autores que criticaram Chomsky, por ele julgar positivo o uso de testes de julgamento (Birdsong, 1989; Ellis, 1991), distorceram suas idéias ao afirmar que Chomsky assumia que os GJTs refletiam diretamente a competência dos aprendizes, no caso, falantes de suas línguas maternas. Para esclarecer essa importante questão, atentemos à seguinte declaração de Chomsky:

In practice, we tend to operate on the assumption, or pretense, that these informant judgments give us 'direct evidence' as to the structure of the L-language, but, of course, this is only a tentative and inexact working hypothesis [...] In general, informant judgments do not reflect the structure of the language directly (CHOMSKY, 1986, p. 36)<sup>6</sup>.

Portanto, apesar de Chomsky considerar os julgamentos gramaticais de falantes nativos uma ferramenta útil para pesquisas em Aquisição da Linguagem, ele mostra, com suas palavras, que tem consciência de que os informantes que participam de pesquisas podem apresentar problemas nas suas *performances* orais ou escritas, acarretando mudanças na coleta dos dados.

## COLETA DE DADOS NATURAIS EM SLA

Pesquisas em SLA, nas quais se pode adquirir dados a partir da observação da fala de crianças ou adultos, começaram a ser bastante utilizadas

<sup>2</sup>Adotaremos aqui a sigla SLA, de *Second Language Acquisition*, por ser a mais utilizada em artigos e trabalhos da área.

<sup>3</sup>Interlínguas são sistemas lingüísticos desenvolvidos pelos falantes ao aprender uma segunda língua. Esses sistemas modificam-se à medida que os aprendizes vão se tornando mais fluentes na língua-alvo.

<sup>4</sup>Lembramos que Chomsky falava da aquisição de uma língua materna.

<sup>5</sup>Da expressão em língua inglesa "Grammatical Judgment Test".

<sup>6</sup>Na prática, tendemos a operar com a suposição, ou pretensão, de que julgamentos de informantes nos fornecem 'evidência direta' sobre a estrutura da língua em questão, mas é claro que isso é somente uma hipótese de trabalho inexata e provisória. Em geral, julgamentos de informantes não refletem diretamente a estrutura da língua. (tradução nossa).

principalmente a partir da década de 60 (Hatch, 1983). Porém, esse tipo de pesquisa tem suscitado várias críticas pela quantidade de dificuldades encontradas pelos pesquisadores. Em primeiro lugar, a coleta de dados naturais precisa ser sistemática, e todas as falas entre pesquisador e sujeito — ou entre os sujeitos — devem ser gravadas. Uma de suas vantagens é justamente o fato de que os dados obtidos são autênticos e, conseqüentemente, grandes quantidades de dados podem ser gravadas e usadas em mais de uma pesquisa. O problema é que, segundo alguns autores (Larsen-Freeman e Long, 1991; Cook, 1993), esse tipo de pesquisa tem muitas vezes mais desvantagens que vantagens para o pesquisador. Na maioria das pesquisas, com base na Gramática Universal, os autores buscam observar certas estruturas gramaticais na fala ou escrita produzida por aprendizes de certa L2. Por inúmeras razões, será muito difícil encontrar o uso de algumas estruturas em entrevistas com aprendizes de nível básico ou intermediário — no caso da língua inglesa, em casos de voz passiva, *past perfect* e *preposition stranding*<sup>7</sup>, por exemplo. Provavelmente os aprendizes evitarão estruturas mais difíceis e menos usadas ou, no máximo, o pesquisador obterá somente uma ou duas ocorrências em um grande número de sentenças proferidas pelos sujeitos. De acordo com Chaudron (2003), além desse problema, a obtenção de dados naturais é extremamente trabalhosa, tanto durante as entrevistas como, posteriormente, na transcrição dos dados. Por essas razões, estudos que usam esse tipo de análise geralmente são estudos de caso, nos quais somente uma criança ou adulto é entrevistado por um certo período de tempo, que pode variar muito: desde somente alguns dias até vários anos<sup>8</sup>. Chaudron ressalta que o valor desse tipo de dados dependerá largamente da interação entre sujeito e pesquisador ou entre os sujeitos observados, ou ainda por ser um estudo longitudinal no qual se descubram tendências de aquisição difíceis de serem observadas em outros tipos de estudos<sup>9</sup>.

### OBTENÇÃO DE DADOS CONTROLADOS

Além da obtenção de dados a partir da observação da fala de aprendizes, foram desenvolvidas técnicas mais controladas para a eliciação da produção em segunda língua (L2). Esse tipo de metodologia foi criada para que o pesquisador tenha acesso mais direto às estruturas que pretende estudar. Segundo Cook (1993), muitas vezes os pesquisadores em SLA usam técnicas

que tiveram sucesso em FLA ou em outras áreas da lingüística. A obtenção de dados controlados, por ser focada em certas particularidades da L2 em questão, tem a grande vantagem de trazer à tona, na maior parte das vezes, o que o pesquisador está buscando. A grande desvantagem, segundo Cook (1993), é a artificialidade dessas tarefas, pois cria-se uma situação que não é natural para o aprendiz e, por isso, elas devem ser feitas com muito cuidado. Apesar de termos consciência de que sempre haverá controvérsias sobre a validade e confiabilidade desses testes (comumente chamados de testes de *data elicitation* – obtenção de dados), as pesquisas em SLA são em grande parte dependentes desses resultados, pois um de seus objetivos é fazer descobertas sobre o comportamento dos aprendizes (*learner behavior*) ou sobre seu conhecimento (*learner knowledge*), independentemente do contexto em que estão inseridos. Há vários tipos de tarefas ou testes para uso em pesquisas de SLA e, claramente, nenhum deles é melhor ou pior que os outros; o que podemos afirmar é que alguns são mais ou menos adequados para certas pesquisas e não para outras. O pesquisador deve usar o tipo que lhe trará resultados mais vantajosos, prestando atenção principalmente nas perguntas que quer responder e no tipo de teoria em que sua pesquisa se enquadra. Os tipos de testes mais comumente usados em SLA são os testes de julgamento gramaticais, de “elicited imitation” (obtenção de dados por imitação, ou seja, os sujeitos repetem estruturas lingüísticas produzidas oralmente), de “elicited production” (obtenção por produção, ou seja, os sujeitos produzem estruturas lingüísticas sem repetir), e “preference tasks” (testes em que há alternativas de escolha), entre outros<sup>10</sup>.

### JULGAMENTOS GRAMATICAIS E INTUIÇÕES DOS APRENDIZES

Assim como os falantes de sua língua materna (L1), os aprendizes de uma L2 também têm intuições sobre a gramaticalidade das sentenças que ouvem, lêem ou escrevem. Muitos aprendizes brasileiros de língua inglesa, por exemplo, consideram a sentença abaixo gramatical, embora ela não o seja no inglês padrão:

\* *The teacher explained Paul the situation.*

Como em português podemos falar “O professor explicou a Paulo a situação”, é provável que, para a maioria dos aprendizes, essa sentença pareça bastante natural. Conforme Ellis e Barkhuizen (2005), apesar de esse tipo de dificuldade acontecer com certa frequência,

<sup>7</sup>Exemplo de oração com o uso de *Past Perfect*: “When I arrived there, her mother **had left** the house”. (Quando eu cheguei lá, sua mãe já tinha saído de casa.) Exemplo de oração com o uso de *Preposition Stranding*: “Who did you go there **with**?” (Com quem você foi lá?).

<sup>8</sup>Para mais detalhes sobre estudos a partir de observação de fala de crianças ou adultos em SLA: Meisel, 1991.

<sup>9</sup>Como não é nosso propósito nos adentrar nesse assunto, sugerimos a leitura de Chaudron (2003) e Gass e Selinker (1994) para mais detalhes sobre essa metodologia.

<sup>10</sup>Para definições desses testes, consultar Mackey e Gass (2005); para visualização de exemplos, em pesquisas de SLA, consultar White (2003). Importante observar que alguns deles, mesmo com nomenclaturas diferentes, não deixam de fazer parte do grupo dos GJTs.

muitas vezes os julgamentos dos aprendizes são adequados e seguem as normas gramaticais da L2. Para esses autores, é concebível afirmarmos que as intuições dos aprendizes refletem o estado de seu conhecimento das interlínguas, ou seja, o ato de formar ou expressar um julgamento de aceitabilidade pode ser considerado um tipo de *performance* lingüística. Desse modo, os testes de julgamento são o principal método para descobrir o que essas intuições podem esclarecer acerca do desenvolvimentos das interlínguas, sendo usados, na maior parte das vezes, em pesquisas nas quais se quer verificar hipóteses da teoria gerativa, criada e desenvolvida por Chomsky a partir do final da década de 50<sup>11</sup>. Para Cowart (1994, 1997), uma das características mais interessantes da lingüística gerativa é a importância dedicada aos julgamentos de aceitabilidade lingüística. Conforme Cowart (1997), Bloomfield (1933) rejeitou informações dessa natureza por julgá-las inapropriadas cientificamente. Chomsky (1957, 1965, 1986), por outro lado, considera o uso de julgamentos gramaticais ou de aceitabilidade ferramenta fundamental para explorar o conhecimento lingüístico dos falantes de uma L1. A quantidade de material que passou a fazer parte das pesquisas, via julgamentos dos falantes, tem sido extremamente útil, tanto nas pesquisas de L1 quanto de L2, psicolingüística e neurolingüística, entre outras áreas da ciência da linguagem. Certamente, sem esse material, não teríamos a quantidade de generalizações sobre estrutura das sentenças, nas mais diversas línguas humanas. Mesmo assim, como já mencionado aqui, o uso dos GJTs tem gerado controvérsias desde o começo: autores como Birdsong (1989, 1994), Ellis (1991) e Ellis e Barkhuizen (2005) afirmam que a instabilidade dos GJTs é grande: para eles, os próprios informantes mudam de opinião aleatoriamente, se a mesma pergunta for repetida em uma segunda testagem. Além disso, a falta de consenso entre os pesquisadores sobre como relacionar os julgamentos com a teoria gramatical faz com que severas críticas ao seu uso fiquem sem respostas ou com respostas pouco convincentes. Porém, pesquisas como a de Gass (1994) mostram resultados diferentes. Gass repete um GJT com os mesmos sujeitos, e seus resultados demonstram que os informantes não se comportam de maneira aleatória ou inconsistente. Para ela, esses testes, se bem utilizados, são uma ferramenta útil em pesquisas de SLA e refletem padrões de uso da L2 em questão.

Além desse tipo de crítica, segundo White (2003), há autores (Carroll e Meisel, 1991; Ellis, 1991) que atacam o uso dos GJTs em SLA, afirmando que pesquisadores pensam ter algum tipo de *status* por esses julgamentos refletirem diretamente a competência lingüística. Sobre esse ponto, esclarecemos que não encontramos na literatura nenhum autor que tenha

afirmado que os julgamentos gramaticais são amostras autênticas da competência dos falantes, tanto no que tange à língua materna ou a uma segunda língua.

Para continuarmos discutindo essa e outras questões, se faz necessário definirmos o que são os julgamentos gramaticais — também chamados de julgamentos metalingüísticos —, assim como discutirmos quando e como eles são utilizados.

## DEFINIÇÃO E USO DE JULGAMENTOS GRAMATICAIS OU METALINGÜÍSTICOS

Chaudron (1985, 1988, 2003) observa que devemos considerar não somente as declarações que os informantes fazem sobre suas intuições sobre a “gramaticalidade” como também suas opiniões sobre o estilo ou conteúdo das sentenças, suas percepções sobre os sons das palavras, além de seu conhecimento abstrato sobre a estrutura e o uso da língua em questão. Nesse sentido, a língua é tratada como objeto e por isso a denominação “julgamentos metalingüísticos”. Chaudron também ressalta a importância de diferenciarmos julgamentos de sentimentos: julgamentos são aquelas respostas dadas para perguntas que, em princípio, têm uma resposta “correta”; pelo menos podemos diferenciar respostas “corretas” de “incorretas”. Sentimentos, por outro lado, se referem a atitudes, opiniões e preferências, e não há como definirmos com clareza se estão certos ou errados. Tomamos como exemplo o modo como um falante de L2 se comporta diante de um falante de L1: observamos se ele é solícito, educado ou simpático em dada situação; isso reflete atitudes e não julgamentos. Neste artigo, porém, só estamos preocupados com julgamentos metalingüísticos; não abordaremos questões relativas a atitudes, sentimentos ou comportamentos de aprendizes de uma segunda língua. Ademais, Chaudron (1988) enfatiza que um dos maiores erros cometidos por estudiosos é o fato de eles considerarem os julgamentos gramaticais como única evidência sobre estruturas lingüísticas, supervalorizando a importância dada a julgamentos que, muitas vezes, são realizados pelos próprios pesquisadores e seus colegas<sup>12</sup>.

As razões pelas quais os GJs (julgamentos gramaticais) são utilizados em pesquisas dependem basicamente do que está sendo estudado pelos lingüistas. Chaudron declara que esse tipo de metodologia surgiu com o objetivo de testar a adequação de gramáticas descritivas de uma dada língua. Além disso, testar as diferenças e semelhanças em diferentes estruturas lingüísticas, estimulando falantes nativos a dar respostas que explicitassem seu conhecimento lingüístico, demonstrava a capacidade

<sup>11</sup>Para detalhes sobre a teoria gerativa, consultar Chomsky (1957, 1965, 1975, 1976, 1986), Cook (1993) e White (2003).

<sup>12</sup>Chaudron (1988) não cita o nome de nenhum pesquisador para exemplificar essa afirmação.

dos falantes de fazerem abstrações sobre o uso da língua. As habilidades sobre os GJs passaram a ser objeto de estudo em pesquisas sobre o desenvolvimento de L1 e de L2, embora surgisse a preocupação de se conhecer mais a respeito de variáveis que pudessem influenciar esses julgamentos, tais como maturação cognitiva, idade, contexto lingüístico e fatores sociais. A partir da década de 70, tornou-se muito comum pensar a língua não somente em termos de seu uso na comunicação diária, mas também como objeto de análise e observação em si mesma. Com isso, os GJTs passaram a ser um dos meios pelos quais os estudiosos obtêm respostas a fim de determinar as propriedades gramaticais da linguagem, ou seja, os GJTs são usados para determinar quais sentenças são possíveis ou não em uma determinada língua. Primeiramente, os GJTs eram usados somente para estudar estruturas gramaticais de L1, e esses julgamentos eram feitos apenas por falantes nativos; logo depois, pesquisadores de L2 começaram a usá-los também, embora com muito mais dificuldades e gerando mais controvérsias do que entre os primeiros. Birdsong (1989) e Selinker (1972) chamaram atenção para o fato de que falantes de uma L2 não possuem a gramática final dessa língua como na sua L1 e por isso não têm a mesma capacidade de fazer GJs como os falantes nativos. Para Gass (1994), há diferenças cruciais entre os GJs feitos por falantes de L1 e por falantes de L2: no primeiro caso, solicitamos a falantes nativos que julguem sentenças de sua língua para que assim obtenhamos maior conhecimentos sobre esse sistema; no segundo caso, pedimos a falantes de uma L2, cujo conhecimento desse sistema não está completo, para que façam julgamentos sobre ele. Conforme Gass, no caso dos falantes de L2, são feitas inferências não somente a respeito do sistema sobre o qual estão sendo feitas indagações, mas também sobre aquele que eles têm internalizado. Em outras palavras, a autora quer dizer que pode haver um desencontro entre os dois sistemas em questão. É por esse motivo, talvez, que Chaudron (1988) lembra que os GJTs fazem parte de uma atividade bastante complexa e que devemos ter conhecimento de suas possíveis limitações. Gass (1994) afirma haver inúmeras interpretações equivocadas sobre o que os GJTs representam: eles não têm como ser uma representação direta do que se considera competência lingüística, mesmo porque competência é um construto teórico. A autora é categórica ao dizer que não há dúvida de que os GJTs oferecem informações sobre a *performance* e que, através dessas informações, é possível obtermos *insights* sobre a competência. Segundo Gass, não é verdade que estudiosos que trabalham com os julgamentos gramaticais como ferramenta metodológica afirmem que as relações entre esses julgamentos e representações abstratas sejam diretas.

Sobre essa questão, White (1985, 1989, 2000, 2007) apresenta a evidência de que a competência é

algo abstrato. Assim como Gass (1994), White concorda que a *performance* pode nos auxiliar muito sobre o que caracteriza a competência lingüística e que certos aspectos da *performance* podem nos oferecer mais ou menos evidências sobre o que a competência representa nos processos do desenvolvimento da linguagem. Gass é bastante positiva quanto ao uso dos GJTs, dizendo que, embora eles não nos levem a um acesso direto à competência do falante, eles fornecem informações sobre o que é possível e impossível na linguagem do aprendiz.

## EXEMPLOS DE TESTES DE JULGAMENTOS GRAMATICAIS

Dependendo do tipo pesquisa em segunda língua e de seu objeto de estudo, cada pesquisador irá escolher o teste que ele acredita que possa trazer melhores resultados na coleta de dados. Por isso, nosso propósito aqui é mostrar alguns tipos de exercícios utilizados em estudos de SLA, para que pesquisadores, ou futuros pesquisadores, possam tomar como base para criar instrumentos que sejam adequados aos seus estudos<sup>13</sup>.

Instrumento 1 – Neste teste, adaptado de uma pesquisa feita por Kanno (1996), é pedido aos sujeitos que eles julguem 16 orações em japonês, escolhendo entre as opções a) não-natural; b) naturalidade mediana c) natural.

Exemplos:

Dono zassi mimasita ka. (a = unnatural; b = in between, c = natural)

(Qual revista viu?)

Dono biiru nomimasita ka. (a = unnatural; b = in between, c = natural)

(Qual bebida bebeu?)

Neste instrumento, o pesquisador pede que o sujeito, além de julgar a naturalidade da oração, reescreva as orações que não julgar naturais. Essa pode ser uma boa opção para que o pesquisador consiga perceber se os sujeitos realmente sabem o porquê de considerarem certas orações não-naturais na segunda língua.

Instrumento 2 – Neste teste, adaptado de Juffs (1996), é pedido aos sujeitos, após instruções escritas e orais, que eles decidam se a oração na língua estrangeira é:

- 3 = completamente impossível

- 2 = relativamente impossível

- 1 = pouco impossível

0 = inapto para decidir

+ 1 = pouco possível

+ 2 = relativamente possível

<sup>13</sup>Por mera questão de espaço, apresentaremos somente alguns extratos de GJTs. Os testes, na sua totalidade, estão nos estudos dos autores citados nas referências deste artigo.

+ 3 = completamente possível

Exemplos:

Mary sent a present to John. – 3 – 2 – 1 0 + 1 + 2 + 3

(Mary mandou um presente ao John).

Mary sent John a present. – 3 – 2 – 1 0 + 1 + 2 + 3

(Mary mandou a John um presente).

Nesse instrumento, percebemos que um grande número de alternativas (sete, neste caso) pode confundir os sujeitos nas suas escolhas. Talvez fosse melhor se o pesquisador tivesse optado por um número menor de alternativas. Além disso, o levantamento dos dados se torna muito trabalhoso, exigindo muitos cálculos estatísticos.

**Instrumento 3** – Neste estudo de Mandell (1999), o pesquisador oferece somente duas alternativas aos seus sujeitos. Há instruções escritas no teste, nas quais Mandell pede ao sujeitos que corrijam as orações consideradas impossíveis.

Exemplos:

Felicia vuelve de vacaciones hoy.

Imposível Possível

(Felicia volta de férias hoje).

Juanita no lee mucho.

Imposível Possível

(Juanita não lê muito).

Podemos perceber que Mandell tentou simplificar seu instrumento, pois há somente duas alternativas de respostas. Porém, através das correções escritas das orações consideradas “impossíveis”, o pesquisador provavelmente consegue verificar as estruturas lingüísticas que são o alvo de seu estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De uma forma ou de outra, todos os instrumentos utilizados em pesquisa podem apresentar falhas e omissões. Outros pesquisadores podem diagnosticar equívocos e pensar em uma diferente confecção para aquele teste ou exercício. Até mesmo o próprio pesquisador que produziu o instrumento pode perceber que algumas atividades ou instruções poderiam ter sido feitas de modo diferente. Portanto, julgamos necessário que os pesquisadores despendam tempo considerável no preparo do instrumento de sua pesquisa, pedindo auxílio a colegas, realizando testes-piloto e consultando outras pesquisas de áreas afins.

## REFERÊNCIAS

BIRDSONG, D. **Metalinguistic performance and interlinguistic competence**. New York: Springer-Verlag, 1989.

\_\_\_\_\_. Asymmetrical knowledge of ungrammaticality in SLA theory. **Studies in Second Language**

**Acquisition**, 16(4), 1994, p. 463-73.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, 1933.

CARROLL, J. *et al.* The non-uniqueness of linguistic intuitions. **Language**, 57(2), 1981, p. 368-83.

CHAUDRON, C. Research on metalinguistic judgments: a review of theory, methods and results. **Language Learning**, 33(3), 1983, p. 343-77.

\_\_\_\_\_. **Second language classrooms: research on teaching and learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. Data collection in SLA research. In: DOUGHTY, C. e LONG, M. **The handbook of second language acquisition**. Oxford: Blackwell, 2003.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

\_\_\_\_\_. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_. **Language and mind**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

\_\_\_\_\_. **Reflections on language**. London: Temple Smith, 1976.

\_\_\_\_\_. **Barriers**. Cambridge, Mass.: MIT Press: 1986.

COOK, V. **Linguistics and second language acquisition**. New York: Palgrave, 1993.

COWART, W. Anchoring and introspective judgments of sentence acceptability. **Perceptual and Motor Skills**, 79, 1994, p. 1171-82.

\_\_\_\_\_. **Experimental syntax: applying objective methods to sentence judgments**. London: Sage Publications, 1997.

ELLIS, R. Grammaticality judgments and second language acquisition. **Studies in Second Language Acquisition**, 13(2), 1991, p. 161-86.

ELLIS, R. e BARKHUIZEN, G. **Analysing learner language**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

GASS, S. The reliability of second-language grammaticality judgments. In: TARONE, E.; GASS, S.; COHEN, M. (Eds.). **Research Methodology in second language acquisition**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1994.

GASS, S.; SELINKER, L. **Second language acquisition: an introductory course**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1994.

HATCH, E. **Psycholinguistics: a second language perspective**. Rowley, MA: Newbury House, 1983.

JUFFS, A. Semantics-syntax correspondences in second language acquisition. **Second Language Research**, 12, 1996, p. 177-221.

KANNO, K. The status of a non-parameterized

principle in the L2 initial state. **Language Acquisition**, 5, 1996, p. 317-32.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. **An introduction to second language acquisition research**. New York: Longman, 1991.

MACKEY, A.; GASS, S. **Second language research: methodology and design**. London: Lawrence Erlbaum, 2005.

MANDEL, P. On the reliability of grammaticality judgment tests in second language acquisition research. **Second Language Research**, 15(1), 1999, p. 73-99.

MEISEL, J. Principles of universal grammar and strategies of language learning: some similarities and differences between first and second language acquisition. *In*: EUBANK, L. (Ed.) **Point counterpoint: universal grammar in the second language**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics**, 10, 1972, p. 209-231.

WHITE, L. The pro-drop parameter in adult second language acquisition. **Language Learning**, 35, 1985, p. 47-62.

\_\_\_\_\_. Markedness and second language acquisition: the question of transfer. **Studies on Second Language Acquisition**. Cambridge, MA: Cambridge University press, n.9, 1987, p. 261-286.

\_\_\_\_\_. The adjacency condition on case assignment: do L2 learners observe the subset principle? *In*: GASS, S e SCHACHTER, J. **Linguistic perspectives on second language acquisition**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. Second language acquisition: from initial to final state. *In*: ARCHIBALD, J. **Second language acquisition and linguistic theory**. Massachusetts: Blackwell, 2000.

\_\_\_\_\_. **Second language acquisition and universal grammar**. Cambridge, UK: Cambridge, 2003.

\_\_\_\_\_. Linguistic theory, universal grammar, and second language acquisition. *In*: VAN PATTEN, B. e WILLIAMS, J. **Theories in second language acquisition: an introduction**. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates, 2007.